

Desde que o samba é samba, Paulo Lins
Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.

Andressa Marques da Silva¹

Na cadência bonita de um samba recriado pela ficção e enredado pela história, temos a composição da matéria de *Desde que o samba é samba* (2012), novo livro do Paulo Lins, uma obra para ser lida e ouvida entre a poltrona e os canais de busca na internet. As referências musicais, as personagens históricas, os nomes das ruas do centro histórico carioca são alguns dos exemplos dos elementos que propulsionam a curiosidade dos(as) leitores(as).

Paulo Lins, que desde *Cidade de Deus* (1997) não havia mais publicado, retoma sua obra marcada pela etnografia, desta vez pela Editora Planeta. *Desde que o samba é samba* revive para sempre, nas páginas de um romance, os versos primeiros do ritmo-poesia criado pelos(as) descendentes de ex-escravizados(as). Entre personagens ficcionais e históricos, Lins recria o cenário de um Rio de Janeiro marcado pela política higienista que norteou os anos de 1920. Naquele tempo, a liberdade para negros e negras era cerceada pela aplicação da “lei da vadiagem”²: naquele tempo a dita “malandragem” de alguns guardava apenas a resistência de quem era obrigado(a) a estar na margem e ser capoeira para sobreviver. O autor narra uma cidade que estava sendo re(construída) e arquitetada também a partir da interação de quem moldava os morros, espaços onde seria possível trabalhar, residir e narrar sua subjetividade por meio do samba.

Stuart Hall (2003) entende que o povo negro articulou a música como estratégia que serviu de resposta ao mundo, que referenda apenas a escrita como maneira legítima de preservação e disseminação cultural. O samba é um dos instrumentos encontrados para guardar a estrutura profunda da vida cultural negra, o corpo negro nele age como capital cultural, Lins nos conta sobre essa criação em *Desde que o samba é samba*. A cidade compôs o samba, os(as) negros(as) que foram maciçamente expulsos(a) do centro urbano criaram um novo ritmo e melodia que traduzissem seus sentimentos e lugar de mundo sem mediações externas.

¹ Mestranda em literatura na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: aadressamarques@gmail.com.

² No início do século XX, o artigo 399 do Código Penal brasileiro cerceava a liberdade daquele que: “deixasse de exercitar profissão, ofício, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meio de subsistência e domicílio certo em que habite, prover à subsistência por meio de ocupação proibida por lei e manifestamente ofensiva da moral e dos bons costumes” (Brasil, [1890] 1923).

Ismael Silva é a personagem que sintetiza o tom efusivo, alegre, mas também recheado pela poética melancólica que preencheu os versos iniciais do nosso samba. Sua história é uma das que compuseram as muitas narrativas formadas no burburinho da zona central do Rio de Janeiro, o Estácio, o berço do samba. Paulo Lins convida o(a) leitor(a) a ser um *flâneur* do início do século XX, não apenas para contemplar a cidade, mas para sentir o que os morros, os espaços inacessíveis e os grandes encontros daqueles(as) que iam trabalhar no centro representaram para a interação cultural das pessoas ali viventes.

Brancura (Sílvia Fernandes) é a personagem principal do romance, o escolhido por Lins para protagonizar parte da ficção que amalgama seu romance à história. O triângulo amoroso vivido por Brancura, pelo português Sodrê e pela prostituta Valdirene prende o(a) leitor(a), que é rapidamente capturado(a) pelas traições e os sentimentos densos que unem essas personagens. A relação dos três é costurada no pano de fundo de um Rio de Janeiro cantado pela efervescência do samba.

É na tessitura desse triângulo de amores que a dívida de Lins com o(a) leitor(a) se faz. Assim como ocorreu em alguns momentos de *Cidade de Deus*, há lacunas entre as narrativas ficcionais e o fundo histórico da obra, que ora pesam, forçam situações e didatismos, ora se desprendem e deixam os fios do contar soltos. Outro incômodo no texto de Lins é a mão naturalista que sobrecarrega sua construção. Negar a agência a algumas personagens soa atemporal e até irreal; o corpo ainda grita nas linhas de Paulo Lins.

A solução pode ocorrer nas vias de outras mídias como o cinema ou a televisão. *Desde que o samba é samba* é uma obra que ficaria muito bem se transposta para as telas, certamente renderia emoção ouvir “Me faz carinho”, música de Ismael Silva, embalando o atribulado amor de Valdirene e Brancura. Trata-se de uma narrativa cinematográfica, a cada página o(a) leitor(a) é convidado(a) a imaginar as ruas, a casa da Tia Almeida (Tia Ciata), os instrumentos recém-criados, os terreiros de candomblé, as casas de Umbanda nascidas juntas com o samba e suas escolas, enfim um mundo inteiro que o cinema teria grande prazer em recriar.

Por mais que existam alguns ranços naturalistas no enredo de Lins, vale a pena mergulhar nessa obra que faz nossa mente manipular cenas recriadas por uma memória musical vinda do quintal das nossas casas e infância. *Desde que o samba é samba* retrata um momento divisor de águas para a subjetividade criativa de um povo explorado por séculos e que ali, em meados dos anos de 1920, começou a articular o movimento musical que o fortaleceu em luta e estima. Lins finaliza seu livro com esse tom:

Resenhas _____

Até o vento fazia a curva em causa própria, assim como as pessoas que sentiam aquela energia vinda da criação artística para superar a vida em que o povo negro da pós-escravidão colocou a cultura como arma para conquistar dignidade com duas batidas fortes no surdo feito deixa para o solista sair improvisando (...). Tiveram a ideia de fazer parte da sociedade em forma de canto, mas mesmo assim foram espancados pela polícia, sofreram desdém, foram presos, tiveram a dor do preconceito, mas saíram sambando em busca de uma avenida para fazer dela uma passarela com o reforço do tamborim, do reco-reco, da cuíca e do surdo (Lins, 2012, p. 294).

Referências

BRASIL ([1890] 1923). *Decreto no 847 de 11 de outubro de 1890*. Promulga o Código Penal. Comentado por Affonso Dionysio Gama. São Paulo: Saraiva e Cia. HALL, Stuart (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Recebido em dezembro de 2012.

Aprovado em janeiro de 2013.